Vigésima sexta carta

> **Sumário.** Sentimentos com que se deve rezar o Ângelus. — Alegria. — Gratidão. — Respeito. — Confiança. — Traço histórico. — Convite a rezar o Ângelus.

28 de julho.

Meu caro amigo

Conhecemos o Ângelus em seus dois elementos constitutivos: a oração e o som do sino. Restam-me quatro coisas a dizer. A primeira, com que sentimentos devemos rezar o Ângelus; a segunda, a maneira como nossos pais o rezavam; a terceira, a desgraça dos que não o rezam; a quarta, a necessidade de o século XIX retomar a sua recitação.

Esta é, como vês, a parte prática de nossa correspondência. Por isso é a mais importante e quer ser lida com a maior atenção e, acrescento, com a maior boa vontade.

Com que sentimentos devemos rezar o Ângelus? A alegria, a gratidão, o respeito e a confiança são os quatro sentimentos que o sino deve despertar em nosso coração quando nos chama a rezar o Ângelus.

A alegria. — Ao rezar o Ângelus, que fazemos? Lembramos à Santíssima Virgem o momento mais delicioso de sua existência; o momento único nos séculos passados e futuros em que o embaixador da Santíssima Trindade veio anunciar-lhe a Encarnação do Verbo eterno em seu seio virginal. Ela mesma o disse a uma alma santa:

> *Toda vez que ouço a Ave-Maria, estremeço de alegria e fico disposta a conceder o que me pedem.*

O filho que ama ternamente a sua mãe pode ter maior felicidade do que lembrar a essa mãe querida as datas felizes de sua existência, felicitá-la pelos acontecimentos que fizeram a sua glória e alegrar-se ele mesmo com ela? Qual será a vivacidade de sua alegria, se sabe que a felicidade e a glória de sua mãe serão um dia a sua própria felicidade e a sua própria glória; e, se essa felicidade e essa glória devem ser sem mistura e sem fim, quem poderá medir a alegria desse filho?

Alegria para Maria, nossa Mãe; alegria para nós; alegria para o mundo inteiro: tal é o primeiro sentimento que devemos experimentar ao rezar o Ângelus. Vais compreendê-lo ainda melhor. Não está na natureza que o prisioneiro condenado à morte e subitamente devolvido à liberdade se lembre por toda a vida, com um sentimento de alegria que não envelhece, do dia em que o seu perdão lhe foi anunciado, em que viu cair os seus grilhões, a porta de sua prisão abrir-se diante dele, e os sofrimentos do cativeiro e o temor da morte, mais cruel que todos os sofrimentos, dar lugar à segurança e à esperança de um bem-estar para sempre assegurado?

Cada homem é esse prisioneiro. Ao rezar o Ângelus, ele repete a si mesmo a hora bendita de sua libertação. Ter coração e rezar o Ângelus sem um inefável sentimento de alegria é impossível.

A gratidão. — Alegrar-se e gozar de um benefício sem gratidão ao benfeitor seria um odioso egoísmo: um coração ingrato nunca foi um bom coração. A gratidão é a marca das almas nobres. Nenhuma oração mais que o Ângelus deve ser acompanhada desse sentimento. Ele nos lembra benefícios cuja extensão nem os homens nem os anjos poderão jamais compreender: a Encarnação do Filho de Deus, a glorificação da natureza humana em Maria, a Redenção do mundo.

Repete ao mesmo tempo o que esses imensos benefícios custaram aos benfeitores. Por nós, Maria, nossa Mãe, tornou-se a Rainha dos mártires. Por nós, seu divino Filho, nosso irmão, esgotou até a borra o cálice de dores. Como rezar o Ângelus sem estar penetrado de gratidão?

Se, para com os homens, faltássemos à gratidão por um benefício qualquer, nossa consciência nos acusaria, e nos julgaríamos desonrados aos olhos de nossos semelhantes. Haveria só para com Deus, e pelos maiores benefícios, que a ingratidão deixaria de ser um vício?

O respeito. — Ao rezar o Ângelus, tornamo-nos o arcanjo Gabriel. Fazemos o que ele fez; pronunciamos as palavras que ele pronunciou; estamos diante da augusta Virgem, que ele não ousava contemplar. Que nobre função! Mas com que respeito devemos cumpri-la.

O arcanjo, espantado com a Saudação que tinha ordem de dirigir a Maria, estava em veneração diante dessa Virgem incomparável. Diante de seus olhos via a Mãe de seu Deus, a Rainha do céu e da terra, a corredentora do gênero humano, a obra-prima do Todo-Poderoso, uma beleza, uma bondade, uma perfeição, uma glória superior a todas as perfeições e a todos os esplendores que contemplara no céu.

O príncipe da corte celeste reza o Ângelus com incompreensível respeito, e eu, verme da terra, o rezaria sem respeito ou distraído. Oh! não. Se alguma vez tive a desgraça de fazê-lo, não o farei mais.[1]

A confiança. — A Santíssima Virgem é muito polida para não devolver a saudação a quem a saúda, sobretudo como ela gosta de ser saudada. Ora, a saudação de Maria é sempre uma graça concedida.[2]

Ela é nossa mãe, somos seus filhos; é nossa irmã, somos seus irmãos; é rica, somos pobres; é feliz, nós sofremos; é boa e se contenta com pouco. O Ângelus fielmente rezado basta para tocar o seu coração de terna compaixão. Eis uma prova.

Faz poucos anos, recebi uma carta com selo de Toulon. Grande foi a minha surpresa, pois eu não conhecia ninguém nessa cidade. A carta era de um infeliz forçado, condenado a trabalhos perpétuos. Esse homem, que nunca vi e de quem conheço apenas o nome, adoecera. A graça o tocara. Por uma razão inútil de referir, conta-me em oito grandes páginas a história de sua vida. Posso assegurar que era tudo menos edificante.

Ele mesmo me escrevia:

> *Desde a minha adolescência, minha vida não foi senão um tecido de iniquidades de toda espécie. Mereci doze vezes a morte: é a alguns erros da justiça que devo respirar ainda. Deus me esperava para a penitência. Como mereci essa graça? Quando olho o meu passado, nada encontro, absolutamente nada, que não seja condenável.*

> *Uma só prática piedosa me restara da infância: eu a tinha de minha mãe. Mesmo em meio às minhas maiores desordens, não passei um dia sem rezar o Ângelus. Dizer-vos por quê, ignoro; mas, criminoso como eu era, julgareis qual podia ser o mérito dessa oração. Eis tudo o que encontro, não digo de bom, mas de não culpado em minha vida.*

> [Ilustração: Jesus Cristo ressuscitando. Pintura de Giotto, na Academia de Belas-Artes, em Florença, século XIV.]

> *Não posso atribuir senão a essa prática a graça que Deus me fez, por intercessão da Santíssima Virgem, de ter entrado em mim mesmo. Minha condenação à perpetuidade é merecida demais para que eu me queixe dela. Olho-a até como um favor que me permitirá fazer penitência. Rezai por mim.*

Ó Ângelus, como sois poderoso! Ó Maria, como sois boa!

Não é somente para converter alguns pecadores isolados que Maria é boa. Salvaria o mundo se ele quisesse com confiança recorrer à sua intercessão materna. Nossos pais compreendiam instintivamente a palavra de Maria a são Domingos:

>

> *É pela Ave-Maria que a salvação foi dada ao mundo, é pela Ave-Maria que a paz lhe será devolvida.*

Daí vem, como vimos, que as cruzadas contra os sarracenos, as vitórias sobre os turcos, a paz universal de que a Europa gozou longamente foram as causas e a recompensa do Ângelus.

Católicos, e nós em particular, franceses do século XIX, não há hoje, armados contra a Igreja, contra a nossa pátria, contra a sociedade, contra as nossas almas, inimigos mais terríveis que os sarracenos e os turcos? Que tardamos em imitar nossos pais e recorrer a Maria! Fora dela, que apoio nos resta? Não é tempo de repetir com fervor a palavra salutar que foi o sinal da Redenção do mundo: *Angelus Domini nuntiavit Mariæ!*

Ouvis esse sino que toca três vezes ao dia há séculos? Que são essas vibrações, piedosas como os suspiros de um coração fervoroso; entrecortadas como a voz que se queixa; melodiosas como a voz de um anjo comovido; docemente poderosas como o apelo de uma mãe? É a Igreja em perigo, é a pátria em aflição, é a Rainha dos céus que vos pede um grito de oração e de amor.

Vergonha e desgraça a quem recusar fazê-lo ouvir.

Todo teu.

Notas

[1] *Doleo hæc sacra verba tam parum a christianis expendi odeoque a multis fœde negligi, velut ex joco vel aliud agens, dixerit Angelus, nihilque voluerit ad nos pertinere. Atqui longe secus res habet. Officium ille suum egregie præstitit, simul et nobis præstandi reliquit exemplum, quum adeo reverenter atque admiratione plenus ad hanc ipsam salutationem accessit.* (Canisius, de Virg. Deip., p. 245, in-fol.)

[2] *Placet hoc officium salutatæ Virgini, quæ procul dubio salutantes quodammodo resalutat, votis illorum libenter annuens, et divina munera clientibus pro materna fide procurans et impetrans.* (*Id.*, p. 441.)

Revision #1
Created 28 November 2026 13:47:33 by Admin
Updated 28 November 2026 13:47:33 by Admin